

A Competição no Oceano Índico à Luz do Emergente Triângulo Estratégico

Deepak Kumar*

Resumo

O Oceano Índico, localizado em uma região extremamente rica em recursos energéticos, com destaque para o petróleo e o gás natural, tem importância ímpar no cenário mundial. Por suas águas flui intenso tráfego marítimo de riquezas e de derivados do petróleo que, em seu caminho entre o Golfo Pérsico e o Oceano Índico, demonstra a dependência da estabilidade política e da paz na região para a segurança mundial. O Oceano Índico, cujos acessos ocorrem por meio de zonas de estrangulamento representadas pelos estreitos de Málaca, Ormuz e pelo Cabo da Boa Esperança, pode ter seu comércio marítimo seriamente impedido ou mesmo bloqueado, caso uma potência naval domine tais pontos focais. A estabilidade e a política na região pendem entre três potências, sendo duas emergentes e mundiais, a Índia e a China, e a superpotência global, os Estados Unidos da América. As distintas visões políticas conduzem as ações destes atores do sistema internacional ante o domínio da região e posturas estratégicas necessárias para manutenção dos respectivos interesses nacionais e segurança energética.

Palavras-chave: Oceano Índico - Índia - China - Estados Unidos da América.

Abstract

The Indian Ocean, located in a extremely rich strategic natural resources region, specially oil and natural gás, has a distinct world importance. An intense maritime commerce flows in a path from the Persian Gulf to the Indic Ocean, showing a dependence on political stability and peace of the region to the world security. The Indian Ocean, in which the choke points flow thru Malaca, Ormuz Straits and Cape of Good Hope, can have its maritime commerce blocked by a country that controls those points. The political stability in the region balances between two emerging powers India and China and a superpower, United States of America. The distinct political views of those countries aim to

¹ Capitão-de-Mar-e-Guerra da Marinha de Guerra da Índia. Aluno do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores - Turma 2009, da EGN.

control that region and their respective interests govern their actions in strategic and economic bias.

Keywords: Indic Ocean, India, United States of America.

Introdução

Aquele que controla o Oceano Índico domina a Ásia. Este oceano é a chave para os sete mares. No século XXI, o destino do mundo será decidido em suas águas.

Alfred Mahan

Com aproximadamente 74 milhões de quilômetros quadrados e com cerca de 20 por cento do total das águas oceânicas mundiais, o Oceano Índico é o terceiro maior, atrás do Pacífico e do Atlântico (FIG 1). Geograficamente localiza-se entre os dois maiores oceanos e, assim, serve como uma via natural de trânsito para a maioria do tráfego oriundo do Atlântico para o Pacífico e vice versa. Duas principais características marcam o Oceano Índico: primeiramente, oitenta por cento do comércio no Oceano Índico é extra-regional. Segundo, ele só pode ser acessado a partir de alguns pontos de estrangulamento: vindo do oeste via Cabo da Boa Esperança; vindo do norte via Bab El-Mandeb no final do Mar Vermelho e via os Estreitos de Hormuz na saída do Golfo Pérsico; vindo do leste, via os Estreitos de Málaca, Estreitos de Sunda e Lombok e Estreitos de Ombai-Wetar.¹

Região do Oceano Índico



Figura 1: mapa da Região do Oceano Índico - ROI

Fonte: <http://www.tamilnation.org/images/intframe/indian_ocean/IndianOcean.jpg>

¹DEV, Atul. *The Indian Ocean: current security environment*. In: Mauritius Times, 25 maio 2007. Ilhas Maurício.

A Região do Oceano Índico – ROI encontra-se entre as mais ricas regiões em petróleo, gás e recursos naturais. Mesmo na era da globalização, o transporte marítimo permanece como o mais econômico meio de comércio. A localização do Oceano Índico lhe provê uma significativa estratégia em relação ao comércio mundial. A importância do Oceano Índico é conhecida através das eras. Referências históricas mostram que a humanidade navegou intensamente por suas águas por vários períodos, e permanece até hoje como sendo uma das vias econômicas vitais, por onde as riquezas do mundo são transportadas.

A ROI foi considerada como uma área livre para as nações européias industrialmente ricas, durante o período colonial. Com o início da descolonização em 1946, a euforia da independência foi substituída por destrutivos conflitos, seguindo-se guerras entre os Estados.² Durante a Guerra Fria, as duas superpotências reforçaram sua influência marítima, direta ou indiretamente, por meio de um grande arranjo de facilidades portuárias na região. Pelas últimas quatro décadas, o Oceano Índico presenciou uma intensa rivalidade entre as superpotências, novas equações da economia, uso do poder marítimo para neutralizar poderes em terra e o epicentro de uma tensão mundial. Entretanto, assim como os contornos do poder estão mudando no mundo, as mudanças também são visíveis no ROI.

Com a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, os Estados Unidos da América - EUA, anunciaram o surgimento de uma nova ordem mundial. O presidente estadunidense George Bush proclamou, no dia 11 de setembro de 1990, o início de uma nova era “livre da ameaça do terror, forte na busca da justiça e mais segura na questão da paz, uma era em que as nações do mundo podem prosperar e viver em paz” (BUSH, 1990, tradução nossa). Não foi abandonada a questão do confronto, mas um novo conflito surgiu no mundo, mais complicado, mais volátil e muito menos previsível. Os EUA tornaram-se os virtuais líderes militares do mundo. Entretanto suas decisões são questionadas e sofrem oposição de muitos Estados. Atualmente, os EUA não conseguem se impôr como a potência mais importante em vários assuntos. Todavia, os outros centros de poder desafiarão sua predominância regional e setorialmente.

A ROI é significativa devido à sua geografia, demografia, a situação atinente à segurança e sua política petrolífera. Para controlar a situação de segurança na área, que é entremeada com o terrorismo e a pirataria, os EUA

² GHOSH, PK. *Maritime security challenges in South Asia and the Indian Ocean: response strategies*. In: Conference On Maritime Security In Asia. 18 a 20 de Janeiro de 2004. Honolulu.

lideram uma força multinacional com uma forte presença na região. Enquanto as situações de segurança e do comércio permanecem como fator básico de interesse de potências extra-regionais na região, a ROI presencia a ascensão da Índia e o aumento do foco na República Popular da China – RPC. Os diferentes contornos de segurança, na base da política energética mundial, fazem essa região ser extremamente volátil. Nesta visão, a competição estratégica entre EUA, China e Índia demanda atenção.

O objetivo deste trabalho é apresentar a emergente rivalidade estratégica entre os três maiores poderes - EUA, China e Índia - na região do Oceano Índico.

Este trabalho analisa a geopolítica da ROI, com sua importância estratégica e econômica como focos do primeiro capítulo. Abordando imperativos geopolíticos da região, as políticas marítimas das três potências na região são discutidas no segundo capítulo. Então, no terceiro capítulo, o trabalho analisa o espectro da estratégia disponível e as possibilidades de conflito e cooperação.

O estudo assume relevância em razão da sua temática contemporânea. A geopolítica e os jogos de poder na região têm a habilidade de moldar os contornos da segurança mundial e, assim, merecem uma análise.

Essa discussão trabalha com o fato de que o comércio é inseparável do domínio naval, forjando as bases de um grande poder ascendente. O conteúdo do estudo está coerente com as políticas marítimas e o desenvolvimento naval. Em razão da relevância da segurança energética, primordialmente será abordado o transporte de petróleo para em seguida apresentar o comércio e os negócios.

Apesar do Japão e Austrália possuírem consideráveis interesses na região, eles não são considerados suficientemente fortes para alterar os contornos geopolíticos do Índico. As políticas desses Estados permanecem essencialmente em sincronismo com a política estadunidense. Similarmente, a presença de poderes extra-regionais, como a França, não se encontra no escopo deste trabalho. O desenvolvimento da situação de conflito com o Irã e os efeitos decorrentes caso a situação deteriore para um conflito armado, podem alterar os contornos de segurança na região e isto também está além do escopo dessa discussão.

A pesquisa deste assunto foi baseada em livros, periódicos e artigos, que trazem aspectos das atividades, desenvolvimento marítimo e determinadas políticas dos países interessados. Os aspectos atinentes à China foram obtidos por meio de reportes do Congresso dos EUA, documentos do Departamento de Defesa dos EUA, e artigos de autores ocidentais e indianos, em razão da escassez de citações originais disponíveis no domínio público.

A Região do Oceano Índico: O Contorno Estratégico

O Oceano Índico tem sua importância estratégica baseada principalmente no seu posicionamento em relação às rotas comerciais. Aproximadamente 3.500 navios carregando 80% do comércio do Oceano Índico transitam pelos estreitos de Málaca, Bab-el-Mandeb e pelo Cabo da Boa Esperança, principalmente para as potências extra-regionais³. Essas embarcações estão carregadas com suprimentos vitais de petróleo e materiais estratégicos e, assim, são objeto de sérias preocupações para as potências interessadas. Mesmo atualmente, na era dos jatos e da informação, 90% do comércio global e 65% de toda produção petrolífera são transportados pelo mar. A globalização tornou possível uma redução de custos e maiores facilidades, por meio da utilização de *containers* em navios-tanque, e o Oceano Índico representa cerca da metade do tráfego mundial de *containers*. Cerca de 70% do total de tráfego de derivados de petróleo passam pelo Oceano Índico, em seu percurso do Oriente Médio para o Oceano Pacífico. Enquanto tais produtos trafegam por esta rota, eles passam pelas principais linhas mundiais de transporte marítimo de óleo e alguns dos principais pontos focais do comércio mundial: Bab-el-Mandeb e os Estreitos de Hormuz e Málaca. Aproximadamente 40% dos negócios mundiais passam pelo Estreito de Málaca; 40% de todo o petróleo bruto passam pelo Estreito de Hormuz.⁴ (FIG. 2).



Figura 2: ROI- SLOCs, e diversas áreas

Fonte: <http://www.tamilnation.org/images/intframe/indian_ocean/indian_ocean_sea_lanes.gif>

³ JAMWAL, S.S. *Sea Power in the Indian Ocean and India's Role in the Region*. In: *Combat Journal*, p.1, 2002

⁴ KAPLAN, Robert D. *Power Plays in the Indian Ocean*. In: *Foreign Affairs*, p.16, 2009.

Qualquer interrupção na fluidez do tráfego nos referidos pontos, pode acarretar consequências desastrosas. Desde que a energia é fator primordial em influenciar geopolíticas nacionais, qualquer turbulência no seu suprimento energético tem sérias consequências na segurança. A importância estratégica do Oceano Índico foi revelada durante a Crise do Petróleo de 1973-1974, quando foi demonstrado como era vital o suprimento de óleo pelo Oceano Índico para os países ocidentais industrializados, e como o Ocidente era vulnerável às pressões do petróleo.

Através da história, a região consolidou sua importância para o comércio no mundo. “Aquele que for o senhor de Málaca, tem suas mãos no coração de Veneza,” (tradução nossa) era um provérbio dito durante o século XV; “se o mundo fosse um ovo, Hormuz seria sua gema” (tradução nossa), dizia outro provérbio.⁵

As economias dos Estados banhados pelo Oceano Índico são orientadas principalmente para o suprimento de matérias-primas para os países desenvolvidos. Em termos de petróleo e gás natural, enquanto os dados precisos alteram a cada ano, a situação é relativamente clara: os países ao redor do Golfo Pérsico, coletivamente, detêm aproximadamente 62% do total das reservas mundiais de petróleo, enquanto que outros três países (Rússia, Casaquistão e Venezuela), possuem outros 20%. Mesmo levando em consideração questões como a exatidão de algumas estatísticas e a viabilidade de alguns campos de óleo, o Golfo Pérsico é claramente dominante nas avaliações geopolíticas globais. Além disso, os gigantescos campos marítimos de gás natural, descobertos no subsolo marinho do Golfo Pérsico, significam que Irã e Qatar possuem agora, respectivamente, a segunda e terceira maiores reservas mundiais de gás natural, atrás apenas da Rússia.⁶

A era pós-Guerra Fria trouxe um novo pensamento político-estratégico. A globalização, especialmente em termos econômicos, domina hoje as considerações estratégicas. Isto permite aprimorar a atenção com a segurança marítima, posto que a maior parte das relações comerciais regionais é marítima.

Os EUA eram praticamente auto-suficientes em petróleo durante a década de 1960, entretanto, atualmente, importam a maioria de sua demanda; a China igualmente não consegue suprir internamente sua demanda por petróleo, necessitando importar cerca de metade de suas necessidades. A Índia importa aproximadamente 70 % do petróleo bruto de que necessita⁷.

⁵ *ibid.*, p.19.

⁶ ROGERS, Paul. *America in the Persian Gulf: a choice of futures.*

⁷ *ibid.*

Nessa década testemunhamos duas grandes agressões externas na região, envolvendo invasões territoriais – no Iraque e no Afeganistão, resultando em um contínuo posicionamento estratégico marítimo de forças multi-nacionais lideradas pelos EUA. Todavia, os custos de segurança para a coalisão liderada pelos EUA são cada vez maiores. Está provado que agressões gratuitas não são rentáveis e que não se consegue manter o território capturado sob controle sem grandes perdas. Invasões de territórios devem tornar-se uma coisa do passado. Isto implica em que as confrontações possivelmente devam ocorrer principalmente longe dos territórios terrestres, possibilitando conflitos marítimos. O poder naval foi menos ameaçador que o poder terrestre; conforme é dito, “Armadas visitam portos, exércitos, invadem” (tradução nossa). Os navios necessitam de um longo tempo para atingir a área de combate, permitindo a diplomacia trabalhar e, então, tornam-se uma ferramenta preferencial para a projeção de poder das nações.⁸ Donald L Berlin sustenta que “O Oceano Índico está aumentando sua importância estratégica porque é o lar da maior concentração mundial de muçulmanos. Hoje, a civilização islâmica encontra-se em conflito com o ocidente - incluindo Israel e Índia, e frequentemente influencia o contexto na ROI.” (BERLIN, 2002, tradução nossa). Em consequência, pode ser um fator perturbador afetando a segurança da região, como pode ser visto com o ataque terrorista em Mumbai, em novembro de 2008, que resultou na mudança do foco marítimo da Índia.

Os tempos recentes testemunharam um surpreendente aumento de casos de pirataria na região. Com a crescente ameaça da pirataria, surgiram, em decorrência, operações para combatê-las, conduzidas pelas principais marinhas, como as das forças multi-nacionais lideradas pelos EUA, e navios de guerra indianos e chineses. Não obstante haver operações anti-pirataria conduzidas por forças navais internacionais no Golfo de Aden, piratas somalis expandem suas ações no Oceano Índico. À medida que as ameaças aumentam, as marinhas mais poderosas adotam posicionamentos estratégicos mais vigorosos, incluindo a implementação de operações conjuntas.

Mais do que apenas um acidente geográfico, o Oceano Índico é também uma arena onde a política mundial é delineada. Ele combina a centralidade do Islã com a política energética global, e o crescimento da Índia e da China para revelar um mundo multipolar e variado. O crescimento econômico da China propiciará sua renda *per capita* atingir elevados patamares até o ano de 2025. Por esta época, seu Produto Interno Bruto – PIB, será comparável apenas ao estadunidense. Sua força militar está entre as maiores do mundo

⁸ KAPLAN, Robert D. *Power Plays in the Indian Ocean*. In: Foreign Affairs, p.16, 2009.

e seu arsenal nuclear é significativo⁹. Similarmente, a Índia paulatinamente surge como uma importante potência nuclear e regional, que tem como vantagem seu posicionamento geográfico. A Índia adota um posicionamento direto e sério e está, econômica, estratégica e militarmente adotando uma postura para o domínio da região. Os surpreendentes crescimentos econômicos da Índia e da China foram pontualmente notados, mas as suas igualmente surpreendentes ramificações militares decorrentes deste desenvolvimento não foram. As aspirações de poder da Índia e da China, assim como suas questões atinentes à segurança energética, forçaram estes dois países “a redirecionar seus focos da terra para os mares” (HOLMES; YOSHIHARA, 2008, tradução nossa). Em seu artigo, Robert Kaplan observa que “O Oceano Índico ainda é um ambiente onde os EUA terão para manter a paz e ajudar a resguardar os recursos globais – banindo terroristas, piratas e contrabandistas; provendo assistência humanitária; gerenciando a competição entre a Índia e a China” (KAPLAN, 2009, tradução nossa).

A Geometria Triangular

Aquele que domina os mares, brevemente
dominará também a terra.

Barbarossa¹⁰

Os Estados Unidos da América

Mesmo sendo um ator extra-regional, os EUA são uma formidável força no Oceano Índico. Os EUA estão há décadas estabelecidos na região e, durante este período, suas instalações assim como suas forças se multiplicaram. “Os estrategistas estadunidenses consideram o Oceano Índico como a área com potencial para produzir as maiores mudanças futuras no balanço do poder mundial. Este é o motivo pelo qual a política externa dos EUA visa manter a habilidade de influenciar eventos naquela área (ROGERS, 2009, tradução nossa).

Os EUA dependem consideravelmente do petróleo do Golfo Pérsico. Aproximadamente 22% de suas necessidades, o percentual máximo oriundo de qualquer outra região, são obtidos desta área (FIG. 3). Os militares estadunidenses reconheceram há tempos a importância estratégica do petróleo do Golfo Pérsico. Com a crise do petróleo de 1973-1974, houve uma grande

⁹ BANNERJEE, D. *Emerging International Order: conflict or cooperation*. In: *Strategic Analysis*, p.149, 1993.

¹⁰ LEWIS, Charles Lee. *Famous old-world sea fighters*. Londres, 1969.

determinação em estabelecer, em março de 1980, uma força-tarefa combinada, a *Rapid Deployment Joint Task Force* – RDJTF que foi expandida para o Comando Central dos EUA em janeiro de 1983. É importante enfatizar que, enquanto os EUA possuem atualmente alternativas para o óleo do Golfo Pérsico, sua estratégia e orientação são baseadas em uma duradoura crença de que a preservação do seu domínio militar na região é a chave para a manutenção do seu super-poder mundial¹¹.

Figura 3: importação de petróleo pelos EUA, por região mundial



Fonte: <www.eia.doe.gov>

Presença na ROI

No Oceano Índico ocidental, os EUA mantêm um considerável número de bases militares e navais vitais, estrategicamente localizadas em países banhados pelo Golfo Pérsico e pelo Mar das Arábias, especialmente os Estados-membros do Conselho de Cooperação do Golfo – CCG – Bahrein, Kuwait, Omã, Qatar, Arábia Saudita, e os Emirados Árabes Unidos – EAU. A localização geoestratégica da ilha de Diego Garcia, no Oceano Índico central, proporciona uma importante base de apoio para a *US Navy*¹²- USN, em sua presença avançada na ROI. Presentemente, uma ampla e abrangente estrutura

¹¹ ROGERS, Paul. *America in the Persian Gulf: a choice of futures*. Março 2009. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

¹² *US Navy*: em idioma inglês significa Marinha dos Estados Unidos da América.

de apoio naval, militar e de instalações de comunicações, está localizada em Diego Garcia. Entre os países banhados pelo Oceano Índico oriental, os maiores aliados dos EUA são Singapura, Tailândia e Austrália. O Paquistão, que atualmente serve de passagem para os suprimentos logísticos para suas tropas no Afeganistão, foi um leal aliado estadunidense durante a Guerra Fria. Sua importância como “aliado-chave”, cresceu com as operações dos EUA em sua guerra contra o terror.

As Atividades da USN

Desde a década de 1980, ao menos um grupo de batalha estadunidense, capitaneado por porta-aviões, invariavelmente se posiciona ao norte do Mar das Arábias e no oceano Índico. A força-tarefa de rápido posicionamento estratégico iniciou suas operações em março de 1980, subordinada ao Comando Central. A Quinta Frota, recomissionada em 1º de julho de 1995, foi a primeira esquadra estadunidense constituída em cinquenta anos.¹³

Após agosto de 1990, a USN com todos os componentes da Força Tarefa, em associação com forças multi-nacionais, conduziram operações de interceptação no Golfo Pérsico e no Mar das Arábias. Sua competência foi expandida do controle do terrorismo para a proteção da navegação contra a pirataria.

Desde o término da Guerra Fria e da desintegração da antiga URSS, a doutrina naval estadunidense passou por uma profunda transformação. O foco em uma ameaça global durante os anos da Guerra Fria foram alterados para um foco em oportunidades e desafios regionais. Conseqüentemente, a doutrina embasada em conflitos oceânicos contra as forças navais e nucleares da ex-URSS, está progressivamente mudando para a projeção de poder e no emprego de forças navais, capazes de influenciar em eventos nas regiões litorâneas do mundo¹⁴.

Conscientes de como a economia mundial depende do tráfego marítimo, integrantes da cúpula da USN pensam, além das batalhas e vitórias em guerras, nas responsabilidades com a fiscalização do comércio global. Eles também estão atentos com os possíveis efeitos que um ataque militar dos EUA ao Irã, teriam sobre o comércio marítimo e sobre o preço do petróleo, como na crise de 1973. Com tais preocupações, a USN passou décadas auxiliando a segurança

¹³ ROY-CHAUDHURY, Rahul. *US Naval policy in the Indian Ocean*. In: Strategic Analysis. p.1315, 1998.

¹⁴ *ibid.*

de vitais pontos de estrangulamento no Oceano Índico.¹⁵

Observando a política da USN e seu efeito no Oceano Índico, o “Conceito Operacional da Marinha”, de 1997 enfatiza a importância e a necessidade de uma presença avançada¹⁶. Esta foi a continuidade de políticas para o estabelecimento e operação da Quinta Frota para o Oceano Índico, assim como a localização de estruturas de apoio navais e militares nas regiões oeste e leste do Oceano Índico e em Diego Garcia. Como continuação de sua política, em outubro de 2007, a USN deixou explícito de que procurava uma presença avançada e sustentável no Oceano Índico e no Pacífico ocidental, e não mais no Atlântico – uma importante e abrangente alteração na estratégia marítima estadunidense. A estratégia marítima de 2007 dos EUA, a “Estratégia Cooperativa do Poder Naval para o Século XXI”, proclama que “possíveis combates podem ocorrer no Pacífico Ocidental e no Golfo Árabe/Oceano Índico”, enquanto o documento “Visão e Estratégia do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA – 2025”, também conclui que o Oceano Índico e suas águas adjacentes serão os teatros centrais dos conflitos e competições globais neste século¹⁷. O desenvolvimento da doutrina naval dos EUA é incrementado pela expectativa de tensão na projeção de poder e de influência na região. Esperam-se alterações na natureza e na extensão das forças navais e militares estadunidenses na ROI.

Conforme os desafios para os EUA no alto-mar se multiplicam, o nível das forças da USN decresce. No fim da Guerra Fria, a USN possuía cerca de 600 vasos de guerra; agora reduziu para 279. Este número deve aumentar para 313 nos próximos anos com o comissionamento de novos navios-patrolha para emprego em atividades litorâneas, mas pode também cair para abaixo de 200 devido a custos excedentes em 34% do previsto e à morosidade dos serviços dos estaleiros¹⁸. Apesar disso, a USN permanece como a maior força no Oceano Índico. A USN possui atualmente onze porta-aviões, permitindo a ela compor de dois a três grupos de porta-aviões de ataque, posicionados a qualquer tempo. A USN demonstrou sua habilidade em aumentar repentinamente seis dos seus onze grupos de ataque em reação a uma situação de crise podendo, assim, controlar o campo de batalhas no Oceano Índico¹⁹.

¹⁵ KAPLAN, Robert D. *Power plays in the Indian Ocean*. In: Foreign Affairs, p.25, 2009.

¹⁶ ROY-CHAUDHURY, Rahul. *US Naval policy in the Indian Ocean*. In: Strategic Analysis, p.1315, 1998.

¹⁷ KAPLAN, Robert D. *Power plays in the Indian Ocean*. In: Foreign Affairs, p.25, 2009.

¹⁸ *ibid.*

¹⁹ JOHNSTON, Corey S. *Transnational Pipelines and Naval Expansion*. p.62, 2008.

China

Os imperativos da política chinesa para o Oceano Índico são baseados em sua ambição de consolidar sua posição no mundo. A principal preocupação que move os interesses chineses no Oceano Índico é a segurança energética, um imperativo que é amplamente debatido na imprensa e em estudos acadêmicos. A dependência de recursos marinhos e fontes de energia, especialmente petróleo e gás natural, está moldando a política estratégica chinesa.

Apesar de ser a sexta maior produtora de petróleo no mundo, a China tornou-se importadora de óleo desde 1994. A crescente demanda por energia foi uma das principais motivações para as iniciativas políticas chinesas no Oceano Índico. Atualmente a China consome cerca de 7,85 milhões de barris de petróleo por dia. Em 2015, o consumo de petróleo chinês pode atingir de 10 a 12 milhões de barris de petróleo por dia. Em maio de 2008, a China tornou-se o segundo maior importador mundial de petróleo bruto, ultrapassando o Japão. A China atualmente importa mais de 53% do petróleo consumido no país (aproximadamente 4,04 milhões de barris de petróleo por dia em 2007). Cerca de 46% das importações chinesas provêm do Oriente Médio, 32% da África e 5% da Ásia Oriental. A maioria do óleo importado é transportada em navios que transitam pelos estreitos de Málaca ou de Lombok. Além disso, 85% de todas as importações chinesas são baseadas no transporte marítimo²⁰.

As principais preocupações estratégicas da China são, inexoravelmente, relacionadas à economia. A maior força da China e, paradoxalmente, sua maior vulnerabilidade, é a economia, que, assim, é o foco da política e estratégia chinesas. A política econômica da China depende do sucesso de sua política energética. Para sustentar seu crescimento econômico, a China deve confiar nas crescentes fontes externas de energia e matérias primas. As LCM são muito importantes porque a maioria do comércio internacional da China realiza-se pelo mar. Enquanto a energia mantém as bases da economia, a proteção das LCM também constitui um importante elo da política energética chinesa.

A China concentra seus interesses no transporte marítimo de petróleo pelo Oceano Índico, baseada em três estratégias de segurança energética. A primeira estratégia centra-se na diversificação de rotas de importação de energia, por meio do desenvolvimento de oleodutos transnacionais que cruzam o Paquistão e a Birmânia. A segunda estratégia considera o emprego

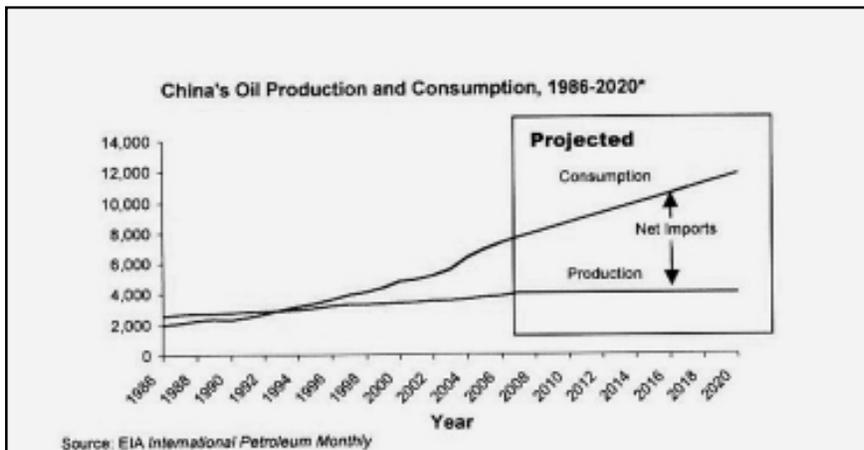
²⁰ EUA. *Military power of PRC*. Departamento de Defesa dos EUA, 2009.

da força militar do Exército e Marinha de Libertação Popular - EMLP, em uma operação de emprego de força militar capaz de proteger o sistema de fornecimento de energia para a China pelas LCM no Oceano Índico²¹. A terceira política refere-se à consolidação de sua presença ao longo das rotas de fornecimento energético, que a China alcunha de “cordão de pérolas.”²²

As Vulnerabilidades dos Navios-Tanque e Diversificação de Oleodutos

A dependência chinesa no petróleo importado continuará crescendo conforme previsões, com pouca expectativa de alteração nos volumes oriundos da África e do Golfo Árabe (FIG 4). Conforme condicionantes logísticos, a importação petrolífera com origem na África e no Golfo Árabe para a RPC requer uma significativa frota de navios-tanque, para sustentar um fornecimento constante. Atualmente, os navios-tanque proveem o único mecanismo disponível para o transporte na referida rota de importação. Essa grande rede de navios-tanque, cuja maioria não possui bandeira chinesa, transita pelas LCM do Oceano Índico e pelo Estreito de Málaca antes de atracar em diversos portos da costa oriental chinesa.

Figura 4: produção e consumo de petróleo pela China - 1986 - 2020



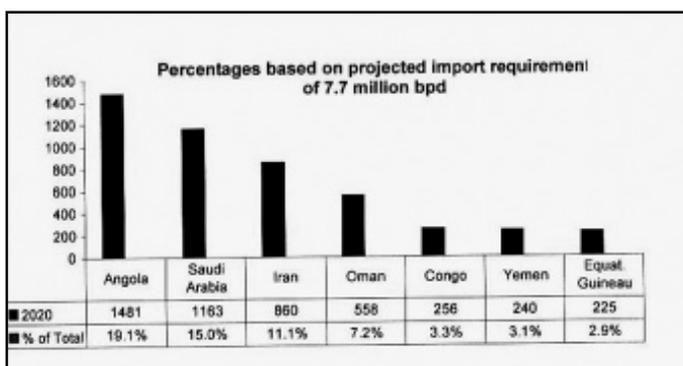
Fonte: JOHNSTON, Corey: *Transnational Pipelines and Naval Expansion*. 2008.

²¹ JOHNSTON Corey S. *Transnational Pipelines and Naval Expansion*. 2008. p. resumo.

²² PEHRSON, Christopher J. *String of pearls: meeting the challenge of China's rising power*. 2006.

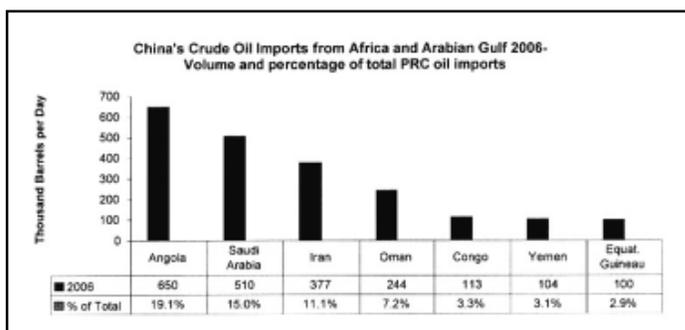
Atualmente, a China importa 2.1 milhões de barris de petróleo por dia da África e do Golfo Árabe (FIG 5). Espera-se um crescimento nesse volume para 4.8 milhões de barris de petróleo por dia em 2020 (FIG 6). Embasado nos atuais volumes de importação, a China necessita um total de 49 navios-tanque para o transporte de óleo. Para o ano de 2020, a projeção é de que a necessidade da frota aumente para mais que o dobro da atual, para um total de 111 navios-tanque.²³

Figura 5: China: importações petrolíferas oriundas da África e do Golfo Árabe - 2006



Fonte: JOHNSTON, Corey. *Transnational Pipelines and Naval Expansion*. 2008.

Figura 6: China: projeção de importações petrolíferas oriundas da África e do Golfo Árabe em 2020



Fonte: JOHNSTON, Corey. *Transnational Pipelines and Naval Expansion*. 2008.

²³ JOHNSTON Corey S. *Transnational Pipelines and Naval Expansion*. p.23, 2008.

Em termos de vulnerabilidades perceptíveis, entretanto, essa grande logística baseada em navios-tanque pode ser um pesadelo em termos de segurança para a RPC. Devido à sua dependência de importações através do oceano, qualquer bloqueio naval pode tornar a China vulnerável. Conforme a maioria dos estudiosos, o mais arriscado cenário para as importações chinesas de óleo ocorre com a interdição do Oceano Índico nas proximidades do estreito de Málaca, situação conhecida na China como “O Dilema de Málaca”.²⁴

Assim, a China pretende diversificar seu mecanismo de importação por intermédio de oleodutos terrestres que se originem no porto de Gwadar, no Paquistão, e no porto de Kyaukphyu, em Míamar. Há notícias de que o oleoduto Míamar – China terá suas obras iniciadas em setembro de 2009.²⁵ Ambos os oleodutos podem facilitar a redução da dependência das rotas marítimas. Entretanto, conforme cálculos, cada oleoduto responderá por cerca de 19% das atuais necessidades de importação, mas tal estimativa pode declinar para apenas 8% em 2020, conforme cresça a demanda por óleo. Enquanto os oleodutos amenizam as vulnerabilidades chinesas quanto à segurança energética, dificilmente pode haver um total provimento de segurança contra uma interdição marítima.²⁶

Com relação ao impacto dos oleodutos no tráfego de navios-tanque, com o atual volume importado, há uma redução de 49 para 39 navios. O impacto é menor em se considerando a demanda esperada para 2020. Caso ambos os oleodutos estejam operacionais em 2020, a redução de meios será de 111 para 101, o que representa que 91% dos navios-tanque oriundos da África e do Golfo Árabe podem permanecer em perigo, conforme as possíveis vulnerabilidades associadas ao transporte marítimo.²⁷

O Desenvolvimento Naval

Na seção anterior, discutimos que a segurança energética da China não pode ser baseada apenas no transporte terrestre de petróleo. Uma alternativa segura para o provimento de petróleo para a China, é o emprego das forças militares do EMLP, em proteção das referidas rotas vitais de navegação. O Presidente da República Popular da China, Hu Jintao, chamou seu país de “potência naval” e avocou uma “poderosa marinha do povo”,

²⁴ *ibid.* p 4.

²⁵ DASGUPTA, Saibal. *China to build oil and gas pipeline to Myanmar* The Times of India. 16 jun. 2009.

²⁶ JOHNSTON Corey S. *Transnational Pipelines and Naval Expansion*. p.38, 2008.

²⁷ *Ibid.* p.51.

para “sustentar nossos direitos e interesses marítimos”, durante um discurso em 2006.²⁸ Outros líderes chineses, oficiais da EMLP, escritores do governo e imprensa, arguíram que o poder econômico e político da China decorre do acesso e do uso do mar, e que uma marinha forte é necessária para garantir tal acesso.

Apesar de possuir 75 navios de combate e mais de 60 submarinos, a China atualmente carece de um forte efetivo naval, para proteger suas importantes rotas navais no Oceano Índico. Segundo relatório do Pentágono de 2007 para o Congresso dos EUA, “a China não consegue proteger seu fornecimento externo de recursos energéticos, nem as rotas marítimas pelas quais tais recursos são transportados, incluindo os Estreitos de Málaca.” (JOHNSTON, 2008, p.6, tradução nossa).

Os planos da força naval chinesa consideram a construção de múltiplos porta-aviões e navios escolta até 2020. Analistas de dentro e de fora do projeto dizem que a China, antes de 2015, não possuirá porta-aviões nem navios escolta operativos e construídos no próprio país²⁹. Certos estudos sugerem que a modernização naval chinesa provê o cumprimento de missões, incluindo a proteção das rotas marítimas a “oeste de Málaca”.³⁰

A busca chinesa por uma maior presença no Oceano Índico foi evidenciada em 2005, durante as comemorações pelo 600º aniversário da primeira experiência chinesa como uma potência marítima. Naquele ano, a China iniciou uma grande celebração a Zheng He, o explorador e Almirante da Dinastia Ming, que navegou os mares da China ao Golfo Pérsico e à região do “Chifre da África”. Tal fato sinaliza que a China acredita que tais águas permanecem como parte de sua zona de influência.³¹ Mais tarde, em sua contínua busca por operações distantes, em dezembro de 2008, o EMLP escalou dois contra-torpedeiros e um navio de apoio logístico, para operações de patrulha e de escolta contra a pirataria no Golfo de Aden. Além de visitas ocasionais, esta operação representa o primeiro posicionamento estratégico naval chinês além da sua região adjacente do Pacífico Ocidental, e um possível objetivo em águas azuis.³²

Entretanto, para tornar-se uma razoável força na ROI, a China deve possuir uma força naval capaz de defender suas LCM por meio de condução

²⁸ EUA. *Military power of PRC*. Departamento de Defesa dos EUA, p.17, 2009.

²⁹ EUA. *Military power of PRC*. Departamento de Defesa dos EUA, p.40, 2009.

³⁰ JOHNSTON, Corey S. *Transnational pipelines and naval expansion*. p.7, 2008.

³¹ PEHRSON, Christopher J. *String of pearls: meeting the challenge of China's rising power*. p.1, 2006.

³² EUA. *Military power of PRC*. Departamento de Defesa dos EUA, p.46, 2009.

de operações distantes de suas bases. Para um grupo-tarefa ser eficiente em operações típicas de águas azuis em locais distantes, será necessária uma capacidade de apoio aeronaval, baseado em porta-aviões. Devido à falta de transparência que envolve a modernização naval da China, é difícil determinar a natureza e as aspirações do programa de desenvolvimento de porta-aviões das suas Forças Armadas. Algumas fontes, entretanto, indicam que o ex-*Varyag*, um porta-aviões russo, pode tornar-se operacional até o final da presente década, como uma possível plataforma de treinamento. Subsequentemente o porta-aviões pode tornar-se parte da esquadra chinesa entre 2015 e 2020³³. Em poucos anos a China pode adquirir a capacidade de disponibilizar forças na ROI. A Estratégia Marítima Militar da Índia por sua vez ressalta que, “A Marinha da China está no caminho de tornar-se uma força de águas azuis. Ela possui um ambicioso programa de modernização [...] com os quais a força naval sina pretende estabelecer uma posição vantajosa na ROI” (INDIA, 2007, p. 41, tradução nossa).

Segundo Robert Kaplan, há a previsão de que, em algum tempo na próxima década “A Marinha da China possuirá mais vasos de combate do que a Marinha dos EUA [...] O objetivo chinês é a “negação do uso do mar,” ou dissuadindo o grupo de ataque de navios-aeródromos estadunidenses de se aproximar do continente asiático” (KAPLAN, 2009, p. 26, tradução nossa).

A Estratégia do “Colar de Pérolas”

A China sabe que as estratégias acima abordadas necessitam de tempo para surtirem efeitos. Desta forma, ela iniciou uma estratégia concorrente no estabelecimento de bases de segurança ao longo de suas rotas marítimas de suprimento (FIG. 7). O crescente interesse e influência chinesa, desde o Mar da China Meridional até o Oceano Índico e o Golfo da Arábia, pode ser descrito como semelhante a um “Colar de Pérolas”. Cada “pérola” no “cordão de pérolas” é um nexa da influência geopolítica chinesa ou da sua presença militar. As “pérolas” importantes são: - Ilhas Hainã, com instalações militares recentemente aprimoradas; Ilhas Woody, localizadas no arquipélago Paracel a cerca de 300 milhas náuticas a leste do Vietnã; porto de Chittagong, em Bangladesh; o porto de águas profundas em Sittwe, Mianmar; e o porto de Gwadar no Paquistão, que é estrategicamente localizado nas proximidades do Golfo Pérsico³⁴. Enquanto a possibilidade de uma guerra étnica assombra o almirantado estadunidense ao considerar o estabelecimento de uma base

³³JOHNSTON, Corey S. *Transnational pipelines and naval expansion*. p.60, 2008.

³⁴ PEHRSON, Christopher J. *String of pearls: meeting the challenge of China's rising power*. p.3, 2006.

no Sri Lanka, que é estrategicamente localizada na confluência do Mar da Arábia com a Baía de Bengala, os chineses estão construindo o porto de Hambantota, no Sri Lanka, que estrategicamente se posiciona próximo ao tráfego marítimo no Oceano Índico central. Ele deve se tornar uma importante “pérola” para o controle das LCM.³⁵

Figura 7 : “Colar de Pérolas” da China



Fonte: <[http://www.marinebuzz.com/marinebuzzuploads/WeekendViewUpdatedChineseStringof Pearls_AC3/Chinese_string_of_pearls.jpg](http://www.marinebuzz.com/marinebuzzuploads/WeekendViewUpdatedChineseStringofPearls_AC3/Chinese_string_of_pearls.jpg)>

Projetos de construção de portos e campos de pouso, relações diplomáticas e a modernização da força naval, formam a essência do “Colar de Pérolas” chinês. A segurança das LCM de matérias primas e energia, suporta a política energética da China e é a principal motivação por trás do “Colar de Pérolas”. Então, percebe-se que essa política está relacionada com a principal Estratégia Nacional da China.

A China também possui uma ambiciosa proposta, orçada em vinte bilhões de dólares, para a construção de um canal através do istmo tailandês de Kra, o que permitiria a seus navios um caminho alternativo ao Estreito de Málaca, e ligaria o Oceano Índico à costa pacífica da China – um projeto no nível de importância do Canal do Panamá, e que futuramente pode fazer com que a balança de poder na Ásia penda a favor da China, dando à sua Marinha

³⁵ KAPLAN, Robert D. *Power plays in the Indian Ocean*. In: *Foreign Affairs*, p.26, 2009.

e à sua forta mercante, um acesso fácil para um vasto e contínuo oceano, expandindo as ligações marítimas do leste da África ao Japão e à península coreana.³⁶

A Índia

A Índia ocupa uma posição central na região do Oceano Índico. A península indiana (a região ao sul de Deccan) adentra 1.240 milhas náuticas no Oceano Índico. Cerca de 50% da bacia do Oceano Índico situa-se dentro de um raio de até mil milhas náuticas da Índia, uma realidade geográfica que traz implicações estratégicas.³⁷

Escrevendo na década de 1940, K. M. Pannikar argumentou que, “enquanto que para outros países o Oceano Índico é apenas uma das importantes áreas oceânicas, para a Índia ele é um mar vital. Suas linhas de sobrevivência são concentradas naquela área, sua liberdade é dependente da liberdade da superfície daquelas águas.” (BERLIN, 2006, p.59, tradução nossa).

A Estratégia Marítima Militar da Índia lembra ainda que “o governador português Dom Afonso de Albuquerque, no início do século XVI, afirmou que o controle dos principais pontos de estrangulamento [...] e ao Estreito de Málaca, era essencial para prevenir um poder hostil de adentrar o Oceano Índico.” (INDIA, 2007, p. 59, tradução nossa).

Pela perspectiva indiana, as considerações chave incluem a acessabilidade ao Oceano Índico de esquadras dos mais poderosos Estados do mundo; a grande população islâmica que habita os litorais e o interior de terras banhadas por este oceano; a riqueza petrolífera do Golfo Pérsico; a proliferação de poderes militares convencionais e armas nucleares entre os países da região; e a importância dos estreitos para a segurança marítima da Índia.³⁸

A Índia – próxima de tornar-se a quarta maior consumidora mundial de energia, atrás somente dos EUA, China e Japão – é dependente do petróleo para cerca de 33% de suas necessidades energéticas, 65% das quais são importadas (FIG. 8). E 90% das suas importações petrolíferas podem em breve vir do Golfo Pérsico (FIG. 9, Anexo E). A Índia necessita sustentar uma população que deverá ser, em 2030, maior do que a de qualquer país

³⁶ KAPLAN, Robert D. *Power plays in the Indian Ocean*. In: Foreign Affairs, p.22, 2009.

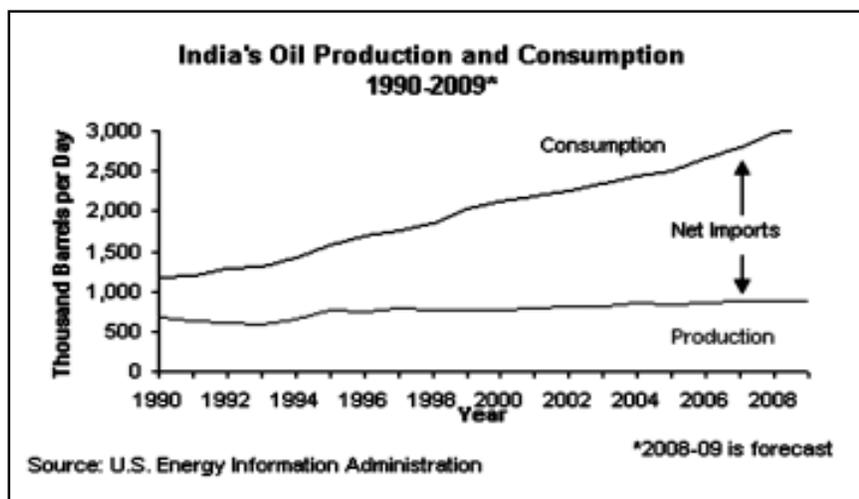
³⁷ SATYENDRA. *Indian Ocean Region- A Story told with Pictures*.

³⁸ BERLIN, Donald L. *India in the Indian Ocean*. In: revista da Naval War College, p.60, 2006.

do mundo. Além disso, a Índia possui uma grande rede de importação de carvão oriunda de Moçambique, África do Sul, Indonésia e Austrália. No futuro, navios indianos estarão também carregando crescentes quantidades de gás natural liquefeito – GNL, cruzando os mares da África meridional, Qatar, Malásia e Indonésia.³⁹

Aproximadamente quarenta navios mercantes navegam pelas “águas de interesse” da Índia todos os dias.⁴⁰ Para proteger este comércio, a Índia deve possuir uma capacidade naval considerável. Em 2004, a Índia emitiu sua primeira análise pública do seu entorno oceânico, e como arcar com os desafios na sua área de interesse. A Doutrina Marítima da Índia descreve sua estratégia marítima amplamente em função do desenvolvimento econômico e da declarada prosperidade que, “desde que o comércio seja vital para a Índia, manter nossas LCM abertas em tempos de paz, tensão ou hostilidades, é o principal interesse marítimo nacional” (HOLMES; YOSHIHARA, 2008, p. 44, tradução nossa).

Figura 8 : importações de petróleo da Índia

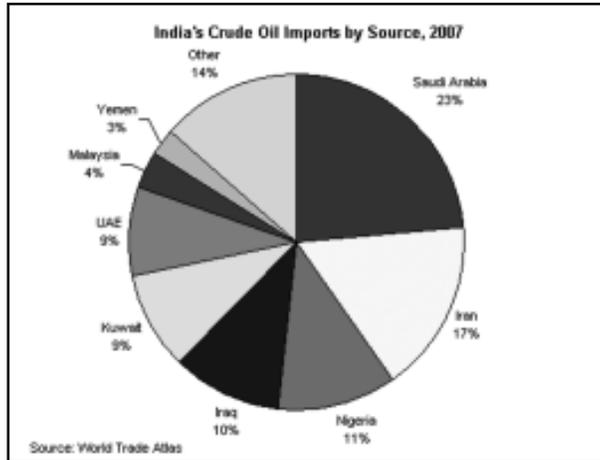


Fonte: <www.eia.doe.gov>

³⁹ KAPLAN, Robert D. *Power Plays in the Indian Ocean*. In: *Foreign Affairs*, p.20, 2009.

⁴⁰ HOLMES; YOSHIHARA. *China and United States in Indian Ocean*. In: revista da Naval War College, p.44, 2008.

Figura 9: importação de petróleo pela Índia, dividido por fontes.



Fonte: <www.eia.doe.gov>

Desde o fim da década de 1990, a Índia vem tentando estabelecer um predomínio marítimo intenso. Isto envolve o direcionamento em se transformar em uma formidável marinha de “águas azuis”. Este fato se reflete no slogan de 2003 da Marinha da Índia, de mudar de direção rumo às águas azuis. O atual Comandante da Marinha - CNS, Almirante Sureesh Mehta, ao assumir seu cargo declarou, em uma conceitualização amplamente reconhecida do que sejam “águas azuis”, que, “nós queremos nossa Marinha operando em águas distantes de nossas bases. Nossos navios devem ser posicionados em lugares distantes. Caso nossos navios estejam presentes em locais distantes de nossas bases, estaremos fazendo algo para aumentar o prestígio de nossa nação” (MEHTA, 2008, tradução nossa).

A Estratégia Marítima Militar da Índia define a principal área em foco, que se estende do Mar da Arábia e da Baía de Bengala, aos pontos de estrangulamento que ligam o Oceano Índico ao Golfo Pérsico, que é a origem da maioria dos suprimentos de petróleo para a Índia, e a principal LCM que cruza a ROI.⁴¹

Conforme o Almirante Metha, CNS, afirma, “A Marinha da Índia deve aumentar suas capacidades na região. A direção parece amplamente clara – uma Marinha compacta, mas capaz.” (MEHTA, 2008, tradução nossa). Com

⁴¹INDIA. Estratégia Militar Marítima. Ministério da Defesa. Quartel-General Integrado, p.62, 2007.

seus 155 navios de guerra, que inclui um porta-aviões e dezesseis submarinos, a Marinha da Índia é uma formidável força na região do Oceano Índico. Ela iniciou com um rápido acréscimo na força, e espera acrescentar às suas esquadras, quatro submarinos nucleares e dois porta-aviões até 2015.⁴²

A Luta Por Espaço Estratégico

Em uma perspectiva histórica, a relação entre o poder naval e o poder econômico é óbvia. O poder naval promove o poder econômico, e a procura por poder econômico é, reciprocamente, um motivador para o desenvolvimento do poder naval.

Na seção anterior mostramos a importância que o Oceano Índico tem para a geopolítica, assim como para a economia global. Qualquer turbulência nesta região terá ramificações mundo afora. EUA e China têm consideráveis apostas na região, para a sustentação de seus respectivos poderes nacionais. A Índia permanece como um poder residente na região, com a geografia a seu lado. Os três poderes, entretanto, têm áreas de interesse sobrepostas. As políticas marítimas dos EUA e da China têm uma interseção com ênfase no Oceano Índico, que geograficamente é a área operacional da Marinha da Índia. Estas zonas podem conduzir para o conflito e cooperação.

Conflito

A Globalização trouxe a crença de que os conflitos interestatais seriam improváveis nos tempos atuais, em razão, principalmente, da interdependência econômica. Entretanto, à luz do atual ambiente geopolítico e das perspectivas históricas, esta suposição permanece improvável. Em seu livro "Globalização e Conflito Armado", os autores Gerald Schneider, Katherine Barbieri e Nils Petter Gleditsch, destacam que crescentes laços comerciais entre Estados pacificam alguns, mas não necessariamente todos os relacionamentos políticos. Assim, o conflito permanece uma possibilidade.

Há muitas citações para indicar que a ROI pode ser o palco para um possível conflito futuro. James R Homes diz que "hoje, os mares da Ásia testemunham uma anomalia histórica intrigante – o crescimento simultâneo de duas potências marítimas autóctones, em oposição ao domínio global dos EUA" (Holmes; Yoshihara, 2008, p. 41, tradução nossa).

A Doutrina Marítima dos EUA declara que:

⁴² KAPLAN, Robert D: *Power plays in the Indian Ocean*. In: *Foreign Affairs*, p.21, 2009.

Há muitos desafios para nossa habilidade no exercício do controle do mar [...]. Nós não permitiremos condições sob as quais nossas forças navais sejam impedidas de liberdade de manobra e liberdade de acesso, nem permitiremos a um poder adversário interromper a rede de suprimento global, pela tentativa de bloquear linhas marítimas vitais de comunicações e comércio (EUA, 2007, p. 13, tradução nossa).

A rápida ascensão da China como um poder político e econômico regional, com crescente influência global, tem significantes implicações para as regiões da Ásia, do Oceano Pacífico e para o mundo. A limitada transparência nos assuntos militares e de segurança chineses coloca em risco a estabilidade, criando uma atmosfera de incertezas e elevando o potencial para equivocados entendimentos e estimativas.⁴³

A Defesa Nacional da China, em 2008, apresentou a visão de que “a paz e o desenvolvimento mundiais estão confrontados com múltiplas dificuldades e desafios. A luta por recursos estratégicos, pontos estratégicos e domínio estratégico, se intensificou.”⁴⁴

O Relatório do Congresso dos EUA em 2005, sobre a Comissão EUA-China, sustenta que “globalmente, a China vem aumentando com empenho as atividades na área da segurança energética, em um direcionamento que traz um prognóstico de competição por recursos energéticos com os EUA. Este cenário produz uma possibilidade de conflito entre as duas nações” (EUA, 2009, p.1, tradução nossa).

Em seu depoimento à Comissão de Revisão Econômica e de Segurança EUA-China, o Professor James Holmes apresenta a teoria da “geometria triangular”, que pode ocorrer na região do Oceano Índico:

Em todas as possibilidades, com uma crescente mentalidade de poder naval, a China não irá passivamente abrigar-se nas águas costeiras, nem irá lançar-se à competição com os EUA no Oceano Pacífico. Preferencialmente, a China direcionará suas energias em direção às regiões sul e sudeste da Ásia, onde as linhas de fornecimento de petróleo, gás natural e outros commodities, extremamente necessários ao desenvolvimento econômico da China, devem passar. Lá, a China encontrará uma mentalidade de poder naval semelhante à da Índia, que possui vantagens geoestratégicas definidas. (HOLMES, 2007, p.1, tradução nossa).

⁴³ EUA. *Military power of PRC*. Departamento de Defesa, p.I, 2009.

⁴⁴ *ibid.* p 3.

Os chineses devotaram especial atenção ao dilemma de segurança decorrente do domínio, estabelecido pela USN, do alto-mar, estendendo-se do Golfo Pérsico ao Oceano Índico e ao Mar da China Meridional. Eles temem, compreensivelmente, que a presença naval estadunidense possa manter a economia da China, que é dependente do mar, refém em tempos de acirramento de crises.⁴⁵

O Oceano Índico é claramente uma expansão marítima na qual os EUA podem, hipoteticamente, interromper os fornecimento de óleo para a China. Um editorial no jornal chinês Ming Pao, aponta as recentes aproximações dos EUA em direção à Índia, como uma parte da estratégia diplomática estimulada pela estimativa de que “qualquer país que controlar o Oceano Índico, controla o leste da Ásia” (EUA, 2009, p.1, tradução nossa). Posteriormente, alguns estrategistas chineses sustentam que enquanto a China expande seus interesses no Oceano Índico, utilizando uma vigorosa diplomacia *soft-power* e trazendo preocupações marítimas com o poder material, ela encontrará uma outra potência emergente – Índia – que nutre suas próprias ambições náuticas. Assim como a China, a Índia indica os seus reais interesses no Oceano Índico, e possui uma venerável tradição marinheira, que lhe garante uma grande reserva de *soft Power* (EUA, 2009, p.1).

Entretanto, isto não implica automaticamente que a Índia vá a tornar-se uma natural aliada estratégica dos EUA. “Há uma pequena perspectiva de que a Índia possa se aliar aos EUA para conter as ambições chinesas no Oceano Índico, assim como o Japão aliou-se aos EUA para conter as ambições soviéticas. A conduta independente indiana [...] predispõe Nova Deli contra tal arranjo.” (Holmes; Yoshihara, 2008, p.56, tradução nossa).

A grande presença estadunidense no Oceano Índico na costa ocidental da Índia, no Mar da Arábia e no Golfo Pérsico, não é um vínculo da Índia. A Doutrina Marítima da Índia observa que:

Os inesperados eventos decorrentes da guerra no Afeganistão, trouxeram as ameaças emanadas em nossa costa oeste, para o foco principal. As crescentes presenças dos EUA e de potências ocidentais e os deslocamentos de forças navais, a luta pelo controle do petróleo, do litoral e do interior [...] são fatores que parecem ter um grande impacto em todo o ambiente de segurança na ROI” (Holmes; Yoshihara, 2008, p.56, tradução nossa).

⁴⁵ ibid.p2.

O “colar de pérolas” da China também é visto por muitos estrategistas indianos, como uma “Estratégia Envoltória” da Índia pela China⁴⁶. Em situações de conflito, estas bases podem ser utilizadas pela China para exercer pressão militar sobre a Índia. Similarmente, a China permanece cautelosa com a grande cadeia de ilhas indianas próximas ao Estreito de Málaca. Ela sempre compara a península indiana a um enorme porta-aviões permanentemente fundeado, apontando o dilema chinês quanto aos navios-aeródromos.

Cooperação

Enquanto não puder ser evitado e permanecer a possibilidade de ocorrência de um conflito, os três lados expressam uma posição contrária ao confronto.

O CNS, na Estratégia Militar Marítima indiana, sustenta que:

Felizmente, os conflitos armados são ocorrências raras, e para assegurar que continuem a ser raros, durante os longos anos de paz, a Marinha da Índia necessita projetar poder; catalizar parcerias; angariar confiança e criar interoperabilidade; [...] Nossa estratégia reconhece que as LCM que cruzam nossa região são muito importantes para nosso crescimento econômico e para a comunidade global [...]. Esta tarefa irá requerer um aumento de capacidades, cooperação e interoperabilidade com Marinhas desta e de outras regiões” (ÍNDIA, 2007, p. IV, tradução nossa).

Posteriormente, a Estratégia Marítima Militar indiana indica que, em razão da grande dependência do suprimento de óleo do Oriente Médio, marinhas extra-regionais percebem a importância da localização marítima da Índia e do papel que a Marinha da Índia pode exercer para garantir a paz e a estabilidade na região.⁴⁷

A Doutrina Marítima dos EUA estabelece que:

As forças navais estadunidenses serão empregadas para construir confiança entre nações por meio de esforços coletivos de segurança, focados em ameaças comuns e interesses mútuos em um mundo

⁴⁶ KANWAL, G: *China-India strategic relationship: set for an uneven course*. p.1, 2008.

⁴⁷ÍNDIA. *Maritime Military Strategy*, Ministério da Defesa – Marinha – Quartel-General Integrado, p 41, 2007.

aberto e multi-polarizado. Para tal, será necessário um nível de integração sem precedentes entre nossas forças navais e aumento de cooperação com os outros elementos do poder nacional, assim como as capacidades de nossos parceiros internacionais. O poder naval será uma força unificadora para a construção de um futuro melhor (EUA, 2007, p.2, tradução nossa).

O antigo embaixador Chinês na Índia, Cheng Ruisheng, argui que os autores das políticas na China e na Índia vêm abandonando suas ultrapassadas perspectivas de “soma-zero” para a segurança. Ele demonstra confiança de que o desenvolvimento dos laços entre EUA e Índia e as relações sino-indianas não são mutuamente exclusivas e, assim, tem a esperança de um uma estratégica triangular balanceada e estável para a região.⁴⁸

Estas diretrizes políticas significam que, se corretamente sustentadas, haverá uma arena de cooperação entre as três potências.

Direcionamento Futuro

Em virtude de que a grande rivalidade de poder não necessita se exaurir e que os três lados necessitam de cada um para um benéfico relacionamento mútuo, há uma perspectiva de mútua cooperação no ambiente marítimo.

Em seu depoimento à Comissão de Revisão Econômica e de Segurança EUA-China, o Professor James Homes afirmou que caso a China reúna seu *hard power* – incorporado nas forças expedicionárias das Forças Armadas da China, estacionadas ao longo do “colar de pérolas” – na região do Oceano Índico, ela irá encontrar uma Índia acostumada à hegemonia em sua vizinhança, e determinada a sustentar sua predominância contra todos aqueles que chegarem. Apesar das grandes dificuldades, a Marinha da Índia continuará a gozar de superioridade local, acima de seu competidor chinês, ainda por algum tempo. Em termos de *hard-power*, a China não será capaz, por si mesma, ainda por algum tempo de ser a potência líder no Mar da China Meridional e no Oceano Índico. Para controlar as LCM que cruzam o sul e o sudeste da Ásia, o EMLP necessita acrescentar certas plataformas em sua capacidade operacional. Essa é precisamente a mais prolongada carência chinesa de material naval ao longo dos tempos, o que pode permitir aos EUA e à Índia, proporem uma parceria em assuntos marítimos com a China. A geopolítica da citada região apresenta a existência de uma cooperação

⁴⁸ HOLMES;YOSHIHARA. *China and United States in Indian Ocean*. In: revista da Naval War College, p.54, 2008.

marítima em várias frentes. A cooperação em áreas como o controle da pirataria, auxílios em desastres naturais, controle do ambiente marítimo, contraterrorismo, ou mesmo contra-proliferação, podem deixar a base para uma duradoura parceria em assuntos marítimos na Ásia, aliviando as preocupações sobre a segurança no mar, o que pode estimular a China em uma direção mais ameaçadora.

Similarmente, como apresentado em um estudo, caso diminua nos próximos anos a dependência estadunidense de petróleo do Golfo Pérsico, a disputa pelo poder na área pode ser reduzida.⁴⁹

A Índia, com sua localização geográfica, com robusto poder marítimo e sensata política de não confrontação, como descrito na Doutrina marítima e na Estratégia Marítima da Índia, pode exercer o papel de um mediador no balanço total do poder e na paz da área. A importância geoestratégica da Índia, como um poder estabilizador no Oceano Índico, vem crescendo e sendo mundialmente aceito. Assim, tanto para Holmes e Yoshihara, professores da Escola de Guerra Naval dos EUA, “é nosso pensamento de que a estabilidade no Oceano Índico dependerá enormemente de como a Índia gerenciará seu crescimento marítimo” (Holmes; Yoshihara, 2008, p.42, tradução nossa). A Índia necessitará agregar todos os litorais, assim como os poderes externos, no processo de “Engajamento Construtivo”. A coexistência, ao invés do conflito, deve ser o objetivo deste “Engajamento Construtivo”.

Conclusão

O Oceano Índico é, mundialmente, o mais rico em reservas petrolíferas e possui substanciais quantidades de gás e recursos naturais. Ele possui importância estratégica devido à sua relevância com respeito à segurança energética do mundo. Em termos de mercado, o Oceano Índico responde pela metade do tráfego mundial de *containers*. Cerca de 70 % do transporte mundial de derivados de petróleo cruzam suas águas. Qualquer interrupção nas rotas marítimas na ROI poderá ter seus efeitos sentidos ao redor de todo o mundo. Isto foi amplamente observado durante a Crise do Petróleo ocorrida entre 1973 e 1974.

O contorno estratégico na ROI é extremamente complexo em razão da presença de uma grande população islâmica, terrorismo e pirataria. A região também presencia um crescente interesse por parte dos EUA, China e Índia, formando um triângulo estratégico em uma competição entre cada um destes atores.

⁴⁹ ROGERS, Paul. *America in the Persian Gulf: a choice of futures*.

Por décadas os EUA mantiveram seu foco na ROI, de modo a exercer sua influência como a maior potência mundial. Apesar dos EUA possuírem muitas fontes de suprimento para suas necessidades de petróleo, o Golfo Pérsico continua a ser a principal fonte de obtenção de sua demanda energética. Aprendida a lição decorrente da Crise do Petróleo (1973-1974), os EUA consolidaram a sua presença na região. A política marítima estadunidense está em consonância com seus objetivos na ROI. A Estratégia Marítima dos EUA – Uma Estratégia Cooperativa para o Poder Naval no Século XXI – indica a continuação do seu posicionamento na região. Posteriormente, o documento “Visão e Estratégia do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA”, também posiciona a ROI como principal teatro da competição e de conflito global neste século. Parece que, ao mesmo tempo em que a USN permanece sendo uma das mais poderosas marinhas do mundo, sua força está diminuindo.

A crescente atenção da China para com a região pode ser observada em suas declarações políticas, bem como em suas atividades. Para tornar-se uma grande potência, a China deve fortalecer sua economia, que é a sua maior força e sua maior vulnerabilidade. Para manter o crescimento de sua economia, deve garantir a segurança de suas LCM, pois a maioria de suas necessidades de óleo é suprida pelo tráfego de navios-tanque que cruza a ROI. Em razão disso, a China adotou a estratégia de transferência de óleo por terra, por meio das bases de força e segurança elaboradas pelo EMLP, conhecidas como “Cordão de Pérolas”. Apesar de atualmente o EMLP não possuir capacidade para proteger as LCM, elas podem exceder as forças estadunidenses entre os anos de 2015 e 2020, ocasião em que deverão iniciar, também, operações com porta-aviões. Acrescentamos que a China também considera a construção de um canal pelo istmo de Kra, o que permitirá a este país exercer poder desde a África oriental, não transitando pelo Estreito de Málaca.

Para a Índia, sua localização geográfica traz implicações estratégicas. Ela tem acesso às rotas marítimas cruzando a área e tem a capacidade de interferir no fluxo do tráfego. Desde a última década, os esforços da Índia em reforçar sua força marítima adquiriram velocidade com o objetivo de acrescentar mais porta-aviões e submarinos nucleares durante a próxima década.

A análise da ROI, assim, demonstra um crescimento na intersecção de interesses entre os três poderes, o que leva ao conflito e cooperação. Os três lados demonstram a possibilidade de tal conflito. Estrategistas nos EUA estão preocupados com o crescimento da China, que por sua vez permanece preocupada com o domínio estadunidense na área, que pode conduzir para a interrupção do seu fornecimento de energia em caso de conflito. A China possui preocupações semelhantes sobre o crescimento da Índia. O “Colar de

Pérolas” da China é visto pela Índia como uma “Estratégia Envoltória”, entretanto, devido à histórica postura independente indiana de não-alinhamento, a Índia pode não se tornar um natural aliado dos EUA. O cenário de conflito pode se agravar entre 2015 e 2020, quando pode ocorrer um declínio das forças marítimas dos EUA, bem como o crescimento dos poderes navais indianos e chineses na ROI.

Entretanto, os três lados postularam cooperação. Ambas as doutrinas marítimas, indiana e estadunidense, abordam a necessidade de manter relações no mar com a cooperação de todas as partes interessadas. Similarmente, a doutrina chinesa também indica a previsão de um relacionamento estratégico balanceado e estável com os EUA e a Índia na ROI. Dado que a cooperação manteria a política dos três atores, há muitas áreas em que essa cooperação poderia ocorrer. Dentre tais áreas, destacamos como principal o combate ao terrorismo e pirataria, que afeta o domínio marítimo na região. A cooperação nestes assuntos pode formar a base para um relacionamento duradouro.

Uma vez que a Índia possui uma vantagem geográfica e populacional, robusto poder marítimo e políticas de não-confrontação com raízes históricas, ela surge como um fator estabilizador na região, aceito internacionalmente. Estudiosos ocidentais ressaltam que a segurança marítima na ROI pode depender de “como a Índia gerencia sua ascensão marítima”. A Índia pode ser facilitadora de uma “Coexistência Pacificadora” entre todas as partes interessadas, permitindo o equilíbrio na estratégia triangular na região do Oceano Índico.

Referências

BANNERJEE, D. Emerging international order: conflict or cooperation. **Strategic analysis**. Nova Deli, 1993.

BERLIN, Donald, L. India in the Indian Ocean. **Naval War College Review**. Newport: Naval War College, 2006.

_____. Donald, L. Indian Ocean Redux: arms, bases and reemergence of strategic rivalry. **Journal of Indian Ocean Studies**. Nova Deli, 2002.

BUSH, George, H.W. **Speech toward a new world order**. US Congress. Washington D.C., 1990.

DASGUPTA, Saibal. China to build oil and gas pipeline to Myanmar. **The Times of India, Mumbai**, 16 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.timesofindia.com>>. Acesso em 17 jun. 2009.

DEV, Atul. **The Indian Ocean - current security environment**. Ilhas Maurício, 2007. In: Mauritius Times, 25 maio 2007. Disponível em: <http://www.tamilnation.org/intframe/indian_ocean/070525atul_dev.htm>. Acesso em 5 jul. 2009.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **Annual report to Congress: military power of the People's Republic of China - 2009**. Disponível em: <http://www.defenselink.mil/pubs/pdfs/China_Military_Power_Report_2009.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2009.

_____. **Cooperative Strategy for 21st Century Sea Power**. Washington: Departamento de Defesa dos EUA, 2007. Disponível em <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/maritime/maritime_strat_oct07.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2009.

GHOSH, PK. **Maritime security challenges in South Asia and the Indian Ocean: response strategies**. In: a paper prepared for the center for strategic and international studies - american-pacific sealanes security institute conference on maritime security in Asia. Honolulu, 2004. Disponível em: <http://www.tamilnation.org/intframe/indian_ocean/pk_gosh.htm>. Acesso em 5 jul. 2009.

HOLMES, James. Testimony before the U.S.-China Economic and Security Review Commission - China's Energy Consumption and Opportunities for U.S.-China Cooperation to Address the Effects of China's Energy Use. Newport : Naval War College, 2007. Disponível em : <http://www.uscc.gov/hearings/2007hearings/transcripts/june_14_15/holmes_prepared_remarks.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2009.

_____; YOSHIHARA, Toshi. China and the United States in the Indian Ocean: an emerging strategic triangle. **Naval War College Review**, Newport: Naval War College, 2008.

INDIA. **Indian Maritime Military Strategy: freedom to use the Seas**. Nova Deli: Ministério da Defesa - Marinha - Quartel-General Integrado, 2007.

_____. **Indian Maritime Doctrine**. Nova Deli: Ministério da Defesa - Marinha - Quartel-General Integrado, 2009.

INTERNATIONAL CHAMBER OF COMMERCE - ICC. **International Maritime Bureau Piracy Reporting Centre**. Londres, 2009. Disponível em: <http://www.icc-ccs.org/index.php?option=com_fabrik&view=table&tableid=70&calculations=0&Itemid=82> Acesso em: 7 jul. 2009.

JAMWAL, S. S. Sea Power in the Indian Ocean and India's Role in the Region. **Combat Journal**, Nova Deli, 2002.

JOHNSTON, Corey S. **Transnational pipelines and naval expansion: examining China's oil insecurities in the Indian Ocean**. Washington, 2008.

KANWAL, G. **China-India strategic relationship: set for an uneven course**. Disponível em: <<http://opinionasia.org/ChinaIndiaStrategicRelationship>>. Acesso em 8 jul. 2009.

KAPILA, Subhash. **Asia's challenging strategic calculus**. Nova Deli, 2009. Disponível em : <http://www.southasiaanalysis.org/%5Cpapers28%5Cpaper_2746.html>. Acesso em:15 jul. 2009.

KAPLAN, Robert D. Power plays in the Indian Ocean. **Foreign Affairs**. Washington, 2009.

LEWIS, Charles Lee. **Famous old-world sea fighters**. Londres, 1969. Disponível em <http://books.google.co.in/books?id=et9hAmd3PBYYC&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em 5 jul. 2009.

MEHTA, Mandavi e SCHAFFER, Teresita C. India And The United States: security interests. **The South Asia Monitor**, Nova Deli, 2001. Disponível em: <<http://csis.org/files/media/csis/pubs/sam34.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2009.

MOOSARI, Syed Sadroodin. **Indian Ocean in emerging world order: strategic analysis**. Nova Iorque: Universidade de Columbia, 1994.

NADESAN, Satyendra. **Indian Ocean Region: a story told with pictures**. Disponível em: <http://www.tamilnation.org/intframe/indian_ocean/index.htm>. Acesso em 7 jul. 2009.

PANDA, Snehalata. **Sino indian relations in a new perspective: strategic analysis**. Nova Iorque: Universidade de Columbia, 2003.

PEHRSON, Christopher J. **String of pearls: meeting the challenge of China's rising power across the asian littoral**. Washington: US Department of Defence, 2006. Disponível em: <http://www.tamilnation.org/intframe/indian_ocean/string_of_pearls.pdf>. Acesso em 15 maio 2009.

PORTER, Ian W. The Indian Ocean rim. **African Security Review**, v. 6, n. 6, 1997. Disponível em: <<http://www.iss.co.za/Pubs/ASR/6.6/Porter.html>>. Acesso em: 5 jul. 2009.

ROGERS, Paul. **America in the Persian Gulf: a choice of futures**. Nova Iorque, 2009. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/article/america-in-the-persian-gulf-a-choice-of-futures>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

ROY- CHAUDHURY, Rahul. **US Naval policy in the Indian Ocean: strategic analysis**. Nova Deli, 1998.

SAKHUJA, Vijay. **From Malacca to Hormuz: chinese energy sea lane security**. Nova Deli, 2003. Disponível em: <http://www.peaceforum.org.tw/onweb.jsp?webno=3333333101&webitem_no=475>. Acesso em: 30 abr. 2009.

_____. Indian Ocean and the safety of sea lines of communication. **Strategic analysis**. Nova Deli, 2001.

SCOTT, David. India's Drive For A 'Blue Water' Navy. **Journal of Military and Strategic Studies**. Nova Deli, 2007.

SHETH, V.S. Indian Ocean in the globalizing world. **Turkish Journal of International Relations**, v.1, n.4, Ancara, 2002. Disponível em : <<http://www.alternativesjournal.net/volume1/number4/sheth.htm>>. Acesso em: 15 maio 2009.